

## EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR: A CULTURA DO SLAM COMO POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA

*EDUCATION AND POPULAR CULTURE: THE SLAM CULTURE AS A RESISTANCE POSSIBILITY*

**Anderson Paixão Costa** (Graduando em Psicologia - UNESP/Bauru – anderson.paixao@unesp.br)

**Bárbara Messias Ribeiro** (Graduanda em Psicologia - UNESP/Bauru – bm.ribeiro@unesp.br)

**Carolina Ferraz Villela** (Graduanda em Psicologia - UNESP/Bauru – carolina.villela@unesp.br)

**Giovanna Flandoli Franklin de Lima** (Graduanda em Psicologia - UNESP/Bauru –  
giovanna.flandoli@unesp.br)

**Maryane Vieira dos Santos** (Graduanda em Psicologia - UNESP/Bauru - maryane.santos@unesp.br)

**Eixo temático: 09 - Educação, Interculturalidade e Movimentos Sociais**

**Resumo:** Este trabalho fundamenta-se como um relato de experiência, o qual visa compartilhar reflexões desenvolvidas a partir de um seminário apresentado na disciplina de psicologia escolar sobre a Cultura do Slam como possibilidade de resistência no contexto da Educação Popular. Para compreender como o Slam pode ser usado como intervenção, o trabalho desenvolve a compreensão conceitual do que se entende por cultura, delineando o contraste entre a Cultura Erudita e a Cultura Popular, além de pontuar a formação de cada uma delas dentro dos conceitos da Psicologia Histórico-Cultural. Diante do cenário da luta de classes e da universalização do que se entende por cultura, o trabalho explicita as condicionalidades que envolvem a cultura geral, o que acaba por reforçar a alienação e o apagamento do que é denominado e enquadrado como popular e que não é possível caber como algo geral da própria cultura, ressaltando propriedades únicas e ricas no campo simbólico. É neste caminho que a resistência se faz fundamental e o Slam representa um forte caminho a “vozificar” e potencializar o popular através das batalhas de poesias que permitem que o conhecimento da sala de aula se vincule com o conhecimento da comunidade e se torne-se uma fonte implacável de manifesto popular.

**Palavras-chave:** Cultura Popular. Educação. Resistência.

### **Abstract:**

This work is an experience report, which aims to share reflections developed in the making of a seminar to the scholar psychology discipline about Slam Culture as a possibility of resistance in the context of Popular Education. In order to understand how Slam can be used as an intervention, the work develops a conceptual understanding of what is meant by culture, outlining the contrast between Erudite Culture and Popular Culture, as well as highlighting the formation of each within the concepts of Historical-Cultural Psychology. Against the backdrop of the class struggle and the universalization of what is meant by culture, the work makes explicit the conditionalities surrounding general culture, which ends up reinforcing the alienation and erasure of what is called and framed as popular and which cannot fit as something general in culture itself, highlighting unique and rich properties in the symbolic field. It is in this way that resistance becomes fundamental and Slam represents a strong way of voicing and empowering the popular through poetry battles that allow classroom knowledge to be linked with community knowledge and become a relentless source of popular manifesto.

**Keywords:** Popular Culture. Education. Resistance.

### **1. Introdução**

O presente trabalho originou-se através de uma reflexão fundamentada na experiência de graduação voltada para a produção de um seminário em formato de aula sobre Cultura Popular

com ênfase na cultura do Slam. Considerações foram realizadas através uma série de leituras e fichamentos realizados com base em textos que foram vitais para a conceituação de termos como cultura, cultura popular, resistência e meios de intervenção na luta de classes por meio da cultura do Slam. Sendo assim, compreender a reflexão sobre a importância da cultura popular como forma de resistência às opressões na luta de classes necessita transitar por conceitos essenciais.

Antes de discutir sobre a Cultura Popular, é fundamental compreender que Cultura é um conceito bastante disputado dentro das mais variadas epistemologias. Portanto, é importante delimitar e conceituar o que entendemos por cultura dentro do presente trabalho para que partamos de um referencial teórico específico e possamos pensar o objeto de estudo de forma coerente. Para tanto, entendemos por cultura o que coloca a Psicologia Histórico-Cultural com bases e influências no materialismo histórico dialético: cultura é o produto do trabalho humano (VYGOTSKY, 1995 apud MARTINS; RABATINI, 2011) e, portanto, expressão do processo histórico. Nesse sentido, o trabalho é tido como a atividade vital dos seres humanos, aquilo que os constituem, o produzem e o reproduzem e tem o papel de mediar o metabolismo entre ser humano e a natureza de forma dialética.

Todo esse contexto se constitui de maneira complexa e foram necessários milhões de anos para se desenvolver e dependem, dentre outros fatores, da hominização dos sujeitos, ou seja, das características biológicas evolutivas que permitiram que os seres humanos pudessem manipular a natureza da forma como passaram a fazer, além de serem capazes de abstrair e de representar objetos da realidade, além de desenvolver capacidades como memória, atenção, cognição, percepção e, portanto, consciência, a partir do uso de instrumentos materiais e psicológicos. Dessa forma, foi possibilitada uma relação tal do gênero humano com o ambiente gerando novas necessidades mediadas por tais instrumentos, o que complexificou a ação do indivíduo e permitiu a formação de uma atividade social, mediada por esses instrumentos dentro de relações sociais.

Essa mediação é essencial para o surgimento da cultura, pois é a partir dela que se faz possível o desenvolvimento intelectual, uma vez que se colocam novos desafios e resolução de problemas com o meio que permite um salto qualitativo das habilidades humanas. Essas ferramentas mediadoras permitem que os indivíduos se envolvam em formas mais complexas de pensamento e comportamento. Assim, a cultura se coloca como um sistema de ferramentas, símbolos e práticas compartilhadas que são transmitidas de geração em geração e viabilizadas pela mediação que fazem essas ferramentas na interação sujeito e ambiente, possibilitada pela forma *sui generis* que o ser humano se relaciona com a natureza: o trabalho. Essas ferramentas culturais incluem linguagem, sistemas simbólicos, instrumentos, técnicas e instituições sociais. Portanto, o ser humano deixa de depender do biológico exclusivamente e agir somente a partir dele e passa a um novo nível de autodeterminação: a determinação social.

Já o termo “cultura popular” necessita ser situado historicamente dentro das dinâmicas sociais postas pelo capitalismo, ou seja, dentro da posição mercadológica que assume em uma sociedade hierarquizada e de exploração. Nesse sentido, se a cultura humana, em termos marxianos, consiste no máximo potencial genético humano de produção já desenvolvido historicamente (ASBAHR; FARIA 2020), dentro do sistema de produção capitalista esse máximo potencial não é concretizado, pois a atividade humana e a reprodução da vida estão direcionadas em primazia para a acumulação de capitais. Nessa perspectiva, há a universalização do valor de troca pelo capital, todo trabalho e todo desenvolvimento da cultura humana é transformado em mercadoria e mediado de forma universal pelo dinheiro (ASBAHR; FARIA, 2020), o que resulta em

alienação da cultura como fator humanizador. O que há de humanização encontra limites na forma de produzir e reproduzir a vida dentro desse sistema.

É diante desse quadro que se entende cultura popular, uma expressão da luta de classes: o sistema simbólico, de técnicas, práticas compartilhadas, linguagem e etc passa a ser disputado e categorizado como popular (ligado ao proletariado) e erudito (ligado à burguesia). Assim, no contexto capitalista, apesar da transformação de tudo em mercadoria, a cultura popular encontra aspectos de resistência, formas de humanização e desenvolvimento humano dentro das contradições postas e, por isso, ferramenta de luta das classes populares:

“Na esfera cultural que se dá a luta pela significação, na qual os grupos subordinados procuram fazer frente à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos mais poderosos. Nesse sentido, os textos culturais são o próprio local onde o significado é negociado e fixado.” (Costa, Silveira e Sommer, 2003, p.38)

Nesse sentido, se faz importante a cultura popular dentro da educação para apropriação dos conteúdos humanizadores, uma vez que a humanização pretendida passa por uma significação, ferramentas e sistemas simbólicos ligados à classe trabalhadora no processo de humanização. Diante dos conceitos de “Cultura”, “Cultura Popular” indagados e explicitados com bases nos textos de Duarte (2006) e Souza (2010), é fundamental explicitar a dinâmica que a ideia de cultura erudita e cultura popular constituiu no decorrer da história humana. É vital notar que o período moderno tem fortes marcas da expansão da ciência, das revoluções burguesas e da revolução industrial, é neste cenário que a burguesia ganha força e espaço. Diante disso, a ciência e a alta cultura foram concentradas nas mãos da burguesia, marcadas como forma de poder, uma vez que poucos tinham acesso a ela, assim a ideologia transpassa e emaranha-se a alta cultura. Marx e Engels criticam a estrutura da cultura erudita e salientam que enquanto para a burguesia a emancipação é adquirir essa cultura, para a classe trabalhadora o processo dá-se justamente pela ruptura com essa cultura.

É nesse espaço histórico que é percebido a função da cultura como caminho para a alienação, em que a cultura passa a ser uma ferramenta do próprio sistema para massificar o sujeito. O problema deste efeito é que para encontrar a universalidade da cultura, é preciso cortar suas sobras e descartá-las de sua legitimidade. Assim, a cultura vem carregada de ideologia de forma util, tornando-se estática e petrificada, sustentando e fortalecendo o lado opressor, desconstituindo subjetividade, identidade e pertencimento de pessoas que formam determinadas culturas, dessa forma, os autores Guattari e Rolnik (1986, p. 20) compreendem a cultura como “um mercado geral de poder”, reafirmando ela como um potencial meio ideológico.

A resistência é uma forma de lutar contra a morte da cultura popular diante do jogo de dominação do sistema, assim como pontua Feitosa (2007, p. 29), “todo ato de resistência é uma resistência à morte”, resistir é lutar pela direito de existir e viver a subjetividade que vai além da uniformização cultural, é posicionar-se de forma insistente pelo poder do existir e ser:

“Quero sugerir agora, desde Nietzsche e Deleuze, um outro significado para a palavra resistir, que não seja mais um resistir contra algo, mas um re-insistir. Resistência como uma forma especial de enfrentar o poder, de dizer não e sim, de agir conforme a liberdade, de lidar com a morte e com os muros da política.” (FEITOSA, 2007, p. 25)

Ao compreender a resistência, é perceptível que ela representa a luta contra a petrificação da cultura através da ideia de universalidade, rompendo a prevalência do velho e permitindo que ela flua como rio, transformando-se através das relações dialéticas das relações ao invés de ser forjada pelos detentores do poder burguês. A resistência possibilita a emancipação do processo alienante, a emancipação para o ser humano poder viver seu “eterno vir a ser” e não ser forjado de forma atroz, produzindo articulação e movimentação: “Tem a ver com a possibilidade de mudar o mundo, compreendê-lo dinâmico, recusando o discurso de que a mudança irá acontecer espontaneamente, ou seja, de que virá porque está dito que virá.” (Freire, 2000, p. 40). Portanto, a resistência contribui para a “vozificação da cultura popular e, nesse aspecto, o Slam tem potencial estrondoso para contribuir no ato de atuar como resistência para fortalecer a luta contra o apagamento da mesma.

É importante compreender que o Slam corresponde a uma competição de poesia falada, uma performance que utiliza o corpo e a voz como um mecanismo de expressão pessoal ou até mesmo de dar voz a um grupo (PAULA, 2019). O Slam possui suas regras próprias e critérios. Sendo eles: as poesias devem ser autorais e devem durar até 3 minutos. Não são permitidos outros elementos além do corpo e da voz, ou seja, música e objetos cenográficos. A premiação é decidida por um júri popular, decidido no local (PAULA, 2019). Portanto, o Slam representa um caminho criativo e de manifesto que permite que a resistência se faça presente e se mantenha no contexto escolar, permitindo que os alunos envoltos objetivem saberes através do processo de apropriação que ocorre não apenas na escola, mas também na comunidade que o cerca, rompendo com a dicotomia entre cultura erudita e popular, incorporando uma na outra e, assim, expandindo o campo simbólico, preservando a Cultura Popular e suas especificidades, além de atuar como forma de luta contra o abafamento da luta de classes.

## 2. Fundamentação

### 2.1. Educação e Cultura Popular

O texto de Souza (2010) se inicia com a famosa fábula das formigas e das cigarras, trazendo um novo olhar sobre essa história. Existe um caráter moral a ser passado através dessa fábula, tratando a cigarra - artista - enquanto irresponsável, e as formigas - produtoras - enquanto responsáveis e trabalhadoras. A maioria das histórias, no entanto, remove a parte de que a cigarra, através do seu papel de artista que impediu que elas não enlouquecessem, de modo a abstraí-las um pouco da realidade imediata focando em aspectos mais subjetivos, a música. A reflexão proposta pelo autor é essencial para entendermos o caráter moral da cultura popular que vem sendo passado pelas escolas, de forma prejudicial à formação do aluno enquanto ser presente na cultura, isto é, eles estão sofrendo uma tentativa de esvaziamento na educação ao longo dos anos.

Ademais, nesse debate proposto sobre o porquê da arte e a cultura popular representarem uma espécie de “ameaça” dentro das escolas para a classe hegemônica é necessário entendermos determinados pontos históricos que moldaram - e ainda moldam - a nossa sociedade. Desde a chegada dos jesuítas no Brasil, a educação seguiu uma proposta europeia que contava com valores avessos à população local e impostos com o intuito de ser uma ferramenta para assegurar o processo de dominação. A partir disso, percebe-se um forte ponto de conexão passado-presente, ao pensar que a educação ainda é utilizada como instrumento de dominação e demonstração de

poder às massas, sendo a escola brasileira atual moldada sobre padrões que beneficiam o sistema capitalista e a classe hegemônica como um todo.

Dessa forma, as escolas contam com modelos conteudistas, desvalorizando conteúdos artísticos e que provocam a reflexão como um todo, prezando pela utilidade do conteúdo a ser passado. Dentre esses conhecimentos, podemos citar os considerados “básicos” para que o indivíduo consiga integrar espaços como fábricas, empresas e outros empregos cuja função e continuidade depende de sua alienação. Dessa forma, observa-se que o interesse do capital sobre os alunos que posteriormente pertencerão à classe trabalhadora vem desde cedo, sendo esses meras peças para a continuidade desse sistema.

Em paralelo, a classe dos professores sofre ataques e uma desvalorização constante, sendo esses profissionais vistos como meros instrumentos do conhecimento a ser transmitido de forma mecânica e maçante. Isso é completamente contrário aos modelos educativos propostos pela psicologia sócio-histórica, em que o conhecimento para ser transmitido e apropriado pelo aluno precisa ter um elo de identificação e consciência do mesmo com o que está sendo aprendido, sendo isso facilitado pelas artes e de matérias que promovem a reflexão, com o intuito de criar um senso crítico do aluno sob a realidade numa construção realizada de maneira conjunta.

O aluno criado sob valores neoliberais caminha rumo ao adoecimento. A introdução na sala de aula de instrumentos interativos que estimulam a criatividade e as emoções dos alunos sob a própria realidade e as particularidades das mesmas dentro do sistema é essencial para que encontrem pontos de confluência entre as suas realidades para não adoecer. Para o capital, as ideias de comunidade e de cultura popular não são vistas como interessantes dentro das escolas, já que enrijecem as relações dentro da sala de aula e entre a escola e comunidade. Logo, para a perpetuação do sistema, a privação do universo de possibilidades que pode ser proporcionado por elementos artísticos se torna interessante, visto que estes, quando colocados no ambiente escolar, trarão a abertura para o debate e reflexão das dificuldades enfrentadas pela classe dos jovens dessa classe social, tomando consciência sobre seus sentimentos e vivências em comum.

## **2.2. O que é Educação Popular**

Segundo Vale (2001), o conceito de "popular" refere-se à visão de vida e história desenvolvida pelas classes populares dentro das sociedades democráticas, estando intimamente ligado à qualidade de vida das pessoas e à função social transformadora da escola. Com essa definição em vista e também o histórico do modelo tradicional de educação já apresentado, nos dedicamos aqui a falar do modelo contrahegemônico que é o da Educação Popular, tendo como referencial o artigo de Taddei (2012): “A Educação Popular como um instrumento de resistência contra a exploração capitalista”. Assim, enquanto o modelo de educação que o sistema capitalista nos impõe é alienante e molda a classe trabalhadora aos interesses da burguesia, a Educação Popular visa ser uma proposta político-pedagógica que visa libertar a consciência popular, pois é feita do povo e para o povo. Ademais, ela busca partir da realidade concreta para explicar os fenômenos que atravessam a realidade das classes populares, e possibilita o desenvolvimento de uma visão crítica de mundo que está imersa em um contexto social, político, econômico, histórico e cultural. Dessa forma, os conteúdos passam a fazer mais sentido, pois a função deles deixa de ser simplesmente cumprir uma diretriz curricular ou prestar uma prova. Pelo contrário, os conteúdos passam a ter função social, e os indivíduos reconhecem sua importância e suas aplicações nos contextos que os cercam.

Vale destacar que tanto a pedagogia tradicional burguesa quanto a educação popular concordam que a principal função da escola é permitir o acesso dos educandos aos saberes sistematizados, historicamente acumulados pela humanidade. Porém, o que a Educação Popular questiona do modelo tradicional nesse aspecto é a tendência de, ao descontextualizar os saberes, ensinar o “conteúdo pelo conteúdo”, excluindo seu papel sócio-político. Além disso, segundo Taddei (2012), historicamente, a educação popular não esteve circunscrita a ambientes formais de educação, trazendo para ela um estigma de ser uma educação “inferior”, já que não se pensa muito em saberes sistematizados fora do contexto escolar. Todavia, este cenário vem mudando, possibilitando que essa pedagogia se insira tanto em contextos formais quanto não formais. Este hibridismo é interessante pois, calcada em princípios sólidos e ensinada por pessoas capacitadas, este modelo de educação pode adquirir mais permeabilidade e mais adesão de comunidades onde a relação da população com o ensino formal não é tão boa.

Tendo em vista as possibilidades que a Educação Popular apresenta para a transformação de consciência dos educandos, fica clara a forma com que ela se mostra incompatível com o modelo capitalista vigente. Essa incompatibilidade se dá tanto no âmbito conjuntural quanto no estrutural, ou seja, a implementação deste modelo proposto não é apenas dificultada por motivos práticos, como os de verba e do tipo de formação dos profissionais envolvidos, mas também de uma mudança nas leis educacionais brasileiras, na BNCC, nos PCNs e do apoio integral dos financiadores (públicos e privados) das instituições de ensino brasileiras. Para isso ocorrer, é preciso convencer as autoridades de que todo o sistema educacional capitalista é insustentável, já que a alienação imposta por esse modelo é um projeto “da burguesia para a burguesia”. E é essa mesma burguesia que faz as leis, diretrizes, define a formação de professores e financia escolas.

Assim, a inserção da educação popular como pauta no cenário educacional brasileiro é uma prática de resistência e não se tornará hegemônica sem que haja o fim da sociedade capitalista. Porém, ela pode se colocar como um meio para formação de sujeitos com consciência crítica em prol da transformação do modelo vigente e a lutar por um outro modelo de sociedade. Dar uma educação de qualidade para o povo através da educação popular é munir-lo com condições mais dignas e com meios de resistir às opressões sistemáticas do capitalismo.

### 3. Metodologia

O processo de elaboração do presente estudo envolveu uma pesquisa bibliográfica sobre o tema: Cultura e Educação Popular na educação escolar. Ao dialogar sobre o enfoque a ser adotado, o grupo optou por ressaltar a prática do “slam” como aspecto da cultura popular que vem sendo praticado no contexto escolar considerando as potencialidades que essa prática representa em relação ao processo de escolarização de jovens periféricos.

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, cabe ressaltar que o presente estudo fundamenta-se no método materialista histórico-dialético, segundo o qual o conhecimento da realidade se dá por aproximações sucessivas do problema proposto como alvo da investigação (MINAYO, 1994 apud LIMA; MIOTO, 2007). Nesse sentido, as autoras destacam que a pesquisa bibliográfica direciona o olhar do pesquisador para um objeto conceitual e os procedimentos de aproximação são definidos em função das características desse objeto e dos objetivos relacionados à busca por conhecimento sobre o mesmo. Nesse estudo, elaborado como subsídio para apresentação de um seminário na disciplina de psicologia escolar, foram selecionados textos de base que abordam o tema da cultura e da educação popular e após a opção por enfatizar o slam

como manifestação de cultura popular, foram selecionados textos que abordam essa temática na literatura recente.

#### 4. Discussão e Conclusão

Diante do cenário pós-moderno, a cultura passa por um processo de universalização que comete uma série de homicídios culturais, subjetivos e de identidade ao “apurar as sobras” do que é considerado universal, impactando em uma formação educacional desalinhada da realidade, vazia e mortífera, em que prejudicam a lei genética do eterno vir a ser. É neste ponto que a resistência ao sistema e à alienação se faz através da cultura popular e da educação da mesma, as quais são embasadas no concreto, no real, em uma formulação feita da realidade do povo para o povo, exercendo, assim, uma função sociopolítica primordial. Apesar do Slam ser uma performance de tema livre, se estabelece como uma prática de resistência por dar espaço às minorias e a vozes diversas para reivindicar direitos e expressarem suas vivências particulares (PAULA, 2019). Nesse sentido, o Slam se torna uma ferramenta para a transformação do sistema, em que os poetas encontram na arte o palco para expor suas ideias, sonhos, histórias, dores e conquistas, e utilizam suas experiências pessoais para denunciar diversas formas de discriminação, criando uma ponte entre o individual e o coletivo, entre o conhecimento subjetivo e o sistematizado, a experiência pessoal e a experiência do outro, que pode contrastar ou se identificar consigo mesmo.

Dessa forma, o Slam, como ferramenta artística de expressão do sujeito, pode ser uma ferramenta para a educação de várias maneiras, além de contribuir na construção e fortalecimento de indivíduos e suas comunidades. Afinal, a poesia pode contribuir como um todo no engajamento escolar, entre alunos, ajudando na integração dos mesmos e despertando o interesse dos alunos para o aprendizado. Uma possível alternativa para incorporar o Slam ao currículo é, na verdade, incorporar o currículo ao Slam, isto é, provocar os alunos à reflexão sobre temas históricos, científicos e artísticos em forma de Slam. O ensino da linguagem pelo slam é outra possibilidade: figuras de linguagem, métricas, rimas, estilística e até escolas literárias podem ser objetos de estudos ao escolher o slam como prática pedagógica e cultural. Ademais, saraus e batalhas de Slam podem ser um espaço extracurricular para as crianças e adolescentes socializarem seus slams pessoais e terem um local de fala e escuta para suas experiências através da combinação de conhecimentos sistematizados pela humanidade e as vivências individuais e locais, conforme os princípios da Educação Popular.

Assim, destaca-se a importância do Slam para a educação à medida em que este pode ser um elemento articulador do cotidiano dos alunos com temas complexos de maneira eficaz e acessível, possibilitando a apropriação dos conhecimentos científicos, bem como o desenvolvimento de habilidades essenciais, a integração entre os alunos e, mais importante, um espaço de resistência, reflexão e transformação social. Afinal, o Slam não é apenas um movimento artístico, mas um movimento político, o qual permite que todo o conteúdo linguístico, histórico e político, por exemplo, ganhe vida e sentido dentro do campo simbólico tanto da escola quanto da comunidade, estourando as mordaças do sistema e livrando aqueles que não se enquadram na burguesia dos tentáculos da alienação, permitindo que as mudanças sejam realizadas através das denúncias feitas por aqueles que vivem as inadequações e prejuízos do sistema capitalista.

#### Bibliografia

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro: n. 23, p. 36-61, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782003000200004>

DUARTE, Newton. A contradição entre universalidade da cultura humana e o esvaziamento das relações sociais: por uma educação que supere a falsa escolha entre etnocentrismo ou relativismo cultural In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.3, p. 607-618, set./dez. 2006

FARIA, Bruno Augusto da Silva; ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. Relações entre cultura popular e educação escolar: reflexões a partir de uma pesquisa bibliográfica. **Obutchénie: R. de Didat. e Psic. Pedag.** Uberlândia: v., n., p.689-71, set./dez. 2020

FEITOSA, Charles. Revolução, revolta e resistência: a sabedoria dos surfistas. In: LINS, Daniel (Org.). **Nietzsche, Deleuze: arte, resistência**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que fazer: teoria e prática em educação popular**. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Sueli. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de; MIOTO, Regina Célia Tamasso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista Katalysis**, v.10,n.spe, p.37-45, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>.

MARTINS, Ligia Márcia; RABATINI, Vanessa Gertrudes. A Concepção de Cultura em Vigotski: contribuições para a educação escolar. **PSICOLOGIA POLÍTICA**. v. 11, nº 22, jul. – dez. 2011. p. 345-358.

PAULA, Josi de. Slam: literatura e resistência! **Revista Educação Pública**, v. 19, nº 30, 19 de novembro de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/30/slam-literatura-e-resistencia>

SOUZA, Andréa C. Baptista de. Educação e diversidade cultural: o impacto da cultura popular no espaço escolar. **Revista Extraprensa**, América do Norte, 1, ago. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/74368/77996>

TADDEI, Paulo Eduardo Dias. A Educação Popular como um instrumento de resistência contra a exploração capitalista In: **ANPE SUL 2012**. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsl/9anpedsl/paper/viewFile/2481/190>

VALE, Ana Maria. **Educação Popular na Escola Pública**. 4a Ed. São Paulo, Cortez, 2001.